



O objetivo é dar a ler Rousseau, dispersar a semente do prazer intelectual e estético que se retira da leitura dos seus textos. Mais especificamente, referir a multiplicidade de aspectos sob os quais Rousseau reflectiu e que entre nós continuam problemáticamente activos, escutar o eco que ainda hoje a sua obra pode encontrar em quem a frequente com algum cuidado e percorra subjectivamente alguns dos múltiplos caminhos que ela deixa em aberto.

Numa época profundamente dividida como é a nossa pela fronteira de uma especialização cada vez mais funda, é com profunda admiração que contemplamos espíritos universais como o de Rousseau, é quase com atónita emoção que vemos desenharem-se, atrás de nós, os contornos dessas figuras gigantes onde tudo está, onde tudo teve o seu começo, onde é sempre possível ir beber inspiração, ensinamentos e exemplo.

Rousseau é um desses pensadores que praticamente abarca com o seu génio todos os grandes temas de reflexão humana, um desses homens, cada vez mais raros, que deixa profundas marcas em vastíssimas e aparentemente muito dissimilares aspectos da actividade cultural humana. As suas obras, de inesgotável riqueza, estão cheias de pressentimentos, alusões e pensamentos de notável actualidade. De tal modo que nos parece legítimo dizer-se que, tendo vivido e pensado no século XVIII, Rousseau conseguiu descobrir nele os sinais – imperceptíveis para a maioria dos seus contemporâneos – de um futuro que antecipadamente pensou. O que faz dele um dos mais contemporâneos pensadores do século XVIII.

São portanto dois os traços da sua obra que gostaria de realçar: a contemporaneidade reflexiva e a multiplicidade temática. Veremos adiante como essa multiplicidade não é senão aparente, como há uma intuição fundadora que lhe dá sentido e unidade. Por agora, passemos em revista, enumerando-as apenas, as suas principais facetas.

Há, em primeiro lugar, o **Rousseau político**, acusador da sociedade do seu tempo, pensador da sociedade civil, da democracia e da liberdade, redactor de um Projet de Constitution pour la Corse (1764), autor das Considérations sur le gouvernement de Pologne, et sur sa réformation projeté (1772), de uma Économie Politique (1755). Autor sobretudo do Contrat Social (1762), obra na qual Rousseau se interroga sobre as condições de legitimidade do poder político e opera um deslocamento porventura decisivo. Trata-se de uma verdadeira revolução copernicana pela qual a política deixa de ser considerada do lado de quem manda para passar a sê-lo do lado de quem obedece: “ *o mais forte nunca é suficientemente forte se não conseguir transformar a sua força em direito e a obediência em dever*” . A partir de Rousseau, o critério de legitimidade do poder não mais poderá ser procurado do lado do governante, da sua força, da sua virtude, da sua pertença a uma linhagem dinástica investida do direito divino de mandar, mas do lado dos governados, no consentimento livre e portanto racional dos súbditos, elevados à categoria de cidadãos. Aqui se joga algo de capital importância. Algo que define o núcleo incontestado das nossas actuais convicções democráticas – a igualdade de todos perante a lei, o princípio da soberania popular, a necessidade de, de algum modo, encontrar uma vontade geral resultante do livre jogo das liberdades. Du Contract Social ou Principes du Droit Politique é uma obra capital que não aponta para uma qualquer alternativa política mas constitui uma profunda reflexão sobre as condições de legitimidade possível de qualquer regime político. Não um texto pragmático mas fundamentalmente um texto filosófico, que interroga o problema crucial das relações entre sujeito e estado, liberdade individual e interesse social, dever e direito: “ *Perguntar-me-ão se sou príncipe ou legislador para escrever sobre política. Responderei que não, mas que é precisamente por essa razão que escrevo sobre este tema. Se fosse príncipe ou legislador, não perderia o meu tempo a dizer o que é necessário fazer; fa-lo-ia ou ficaria calado*” .

No entanto, a obra foi lida de formas muito divergentes. Rousseau aparece como inspirador de Robespierre mas também de Napoleão, como o pai da democracia mas também do anarquismo. Uns vêem nele um liberal, outros um crítico do Estado; um revolucionário, um subversivo ou um conservador, um defensor da ordem estabelecida; um totalitarista que prevê a alienação da liberdade individual à vontade geral, a entrega total de cada homem ao Estado ou um igualitarista mais ou menos libertário que propõe a dissolução do Estado face a inalienável autonomia da vontade e liberdade dos indivíduos.

Em estreita conexão como o Rousseau político, há o **Rousseau antropólogo**, profeta e fundador reconhecido da moderna antropologia, por exemplo, por Lévi-Strauss, esse rousseauísta declarado e militante. Especialmente no *Segundo Discurso* ou Discours Sur l' Origine et les Fondements de l' Inégalité Parmi les Hommes (1755), Rousseau não só revela grandes conhecimentos sobre as sociedades primitivas já então conhecidas (sabemos que o século XVIII foi particularmente curioso em relação aos relatos de viagem) mas sobretudo adopta a atitude própria desses estudiosos de pequenos grupos humanos esquecidos no interior das florestas – atitude não etnocêntrica, não reducionista mas, ao invés, de



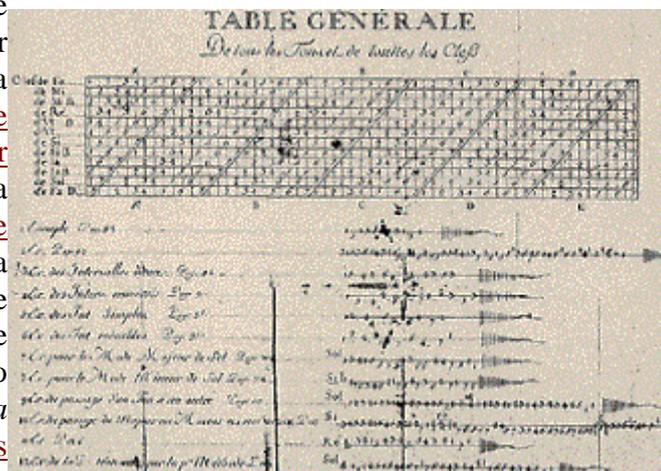
reconhecimento e aceitação compreensiva da diferença. Estrangeiro também ele, é por intuição íntima e poética que Rousseau recompõe enfaticamente a imagem inicial e benévola desse selvagem totalmente estrangeiro ao mundo da civilização e da cultura que é o “homem natural” .

Há depois o grande **Rousseau pedagogo**, preceptor particular, autor do [Emile ou De l' Éducation](#) (1758), pai reclamado de Pestalozzi, Froebel, Claparède ou Neil, inventor da infância. Digo inventor porque, contra a tradicional redução da criança a um homúnculo, contra a incapacidade dos seus antecessores e contemporâneos para reconhecerem a especificidade da infância, a sua particular forma de inserção na realidade, Rousseau é o primeiro, ou pelo menos o mais veemente, defensor da diferença infantil: “ *a natureza quer que os homens sejam crianças antes de serem homens. Se pervertermos esta ordem produziremos frutos precoces sem maturidade e sem sabor que não tardarão a corromper-se. Teremos jovens doutores e crianças velhas. A infância tem modos próprios de ver, pensar e sentir e nada há de menos sensato que querer substituí-los aos nossos*” .



Mas Rousseau vai mais longe. Não só adopta uma perspectiva compreensiva relativamente aos valores da criança cuja diferença reclamadamente afirma, como a liberta da culpa de um pecado que sobre ela pesava desde a origem dos tempos. Se há algum aspecto em que a nossa gratidão para com Rousseau mais seja de realçar é, segundo creio, nessa sua violenta e apaixonada recusa de aceitar o postulado do pecado original. Daí que as suas propostas em matéria educativa só possam consistir em preservar o mais possível a bondade e a inocência naturais da criança, em retardar o mais possível o contágio com a corrupção cultural (pedagogia negativa).

Há também o **Rousseau músico**, professor de música em Paris e Neuchatel, copista de pautas por profissão (que exerceu até ao fim da vida), autor de um [Dictionnaire de Musique](#) (1753), da [Dissertation sur la Musique Moderne](#) (1743), da [Lettre sur la Musique Française](#) (1753), do artigo [Musique](#) (1755) na *Encyclopédie* de Diderot e D' Alembert. Autor também de vários trechos musicais e quatro óperas, *Iphis et Anaxarète*, *La Découverte du Nouveau Monde*, [Les Muses Galantes](#) (1743) e [Le Devin du Village](#) (1752), representada esta



última, com grande sucesso, em Fontainebleau, diante da corte e do próprio Rei. Inventor também de um novo projecto de notação musical que apresenta à Academia de Ciências de Paris: Project Concernant de Nouveaux Signes pour la Musique (1741).

Há o **Rousseau botanista**, autor das Lettres sur la Botanique (1771-1773) e dos Fragments pour un Dictionnaire des termes d'usage en Botanique (1771-74).

Há mesmo o **Rousseau botânico**, o apaixonado pelas plantas que cobrem a superfície da Terra, alguém que escreve a Lineu agradecendo-lhe a publicação do seu *Oeconomia Naturae* como uma das obras mais proveitosas da história da cultura; o herborista que coleciona raízes, grãos e folhas e que as dispõe nas páginas de um herbário que o acompanha sempre: “ *de erva em erva, de planta em planta, para as examinar, comparar os seus diversos caracteres (...) observar a organização vegetal (...) procurar, algumas vezes com sucesso, as suas leis gerais, a razão e o fim das suas diversas estruturas*” .



Paixão pela botânica que implica a condenação de todas as formas de exploração industrial ou industriosa dos seus segredos. O que permite falar de um **Rousseau ecologista avant-la-lettre**, defensor e amante da natureza, que repudia tanto a exploração mineral como a química ou a zoológica, actividades que se não limitam a uma observação pacífica de ordem natural mas exigem industriosas tarefas de escavação, dissecação, penetração das profundezas ocultas da ordem e distribuição dos seres naturais na superfície da Terra. Pelo contrário, a botânica é um estudo ocioso e inocente todo baseado num lento e silencioso olhar. É assim que Rousseau passa a sua “ *velha infância a fazer uma pequena colecção de frutos e de grãos*”, dando grandes passeios, não só aos domingos mas todos os dias da semana. Religiosamente, como quem cumpre um ritual de vagabundo.

É que há também o **Rousseau marginal**, expulso e perseguido, sempre fugitivo, incansavelmente percorrendo a pele da Terra, nascido em Genebra, morto em Paris, vivendo aqui e ali (Lyon, Paris, Neuchatel, Chambéry, Veneza, Chenouceaux, Montmorency, Estrasburgo, Wooton, Londres, Ermenonville), em casas emprestadas, pequenos castelos, quintas, torreões, casas de guarda...



Depois, há o grande **Rousseau “écrivain”**, escritor e poeta, autor de algumas das mais belas páginas da literatura francesa do século XVIII, por exemplo, nas [Rêveries du Promeneur Solitaire](#) (1776), romancista, autor dos [Dialogues](#) (1772-76) e da [La Nouvelle Héloïse](#) (1756), criador mesmo de um novo estilo literário – a autobiografia. [Les Confessions](#) (1765) são efectivamente um texto inaugural e talvez mesmo, como queria Rousseau, “*uma obra única, sem exemplo no passado e sem imitadores no futuro*”. Antes, havia Santo Agostinho, Santa Teresa de Ávila ou Montaigne. Mas os seus textos, de natureza religiosa, contavam o encontro desses autores com Deus e não consigo próprios. Depois, o Cardeal Retz, o próprio Voltaire, Saint-Simon e tantos outros. Mas então, o que é descrito são os grandes acontecimentos em que esses autores participaram, as personagens ilustres que conheceram e não, como fez Rousseau, a simples e difícil história do próprio eu. Aparecerão posteriormente o diário íntimo

(Auriel), a *Recherche* (Proust), a moderna literatura autobiográfica. Mas sempre, por um traço ou outro, esses textos se distinguem e afastam das paradoxais Confessions de Rousseau. Para uns, obra de um doente, de um narcisista, de um exibicionista que teve a indiscrição de contar a sua vida. Para outros, obra de um homem único que teve a coragem de se expor, de oferecer à humanidade a mais espantosa e tocante discrição autobiográfica, o mais rico e apaixonante relato introspectivo. Porém, falar do Rousseau “*écrivain*”, não pode consistir apenas na referência aos seus mais belos textos literários. É necessário reconhecer o apuramento formal de todos os seus escritos, a harmonia da letra, o ritmo das frases, a inquietante beleza com que comunica, tanto as impressões mais ocasionais, como os mais profundos pensamentos e sublimes intuições. Beleza imensa e pesada que dá ao seu texto um enigmático estatuto, difícil de classificar, impossível de encenar num dos comportamentos culturais. Texto literário sem dúvida! Texto mesmo que ajuda a literatura a tomar consciência de si própria.

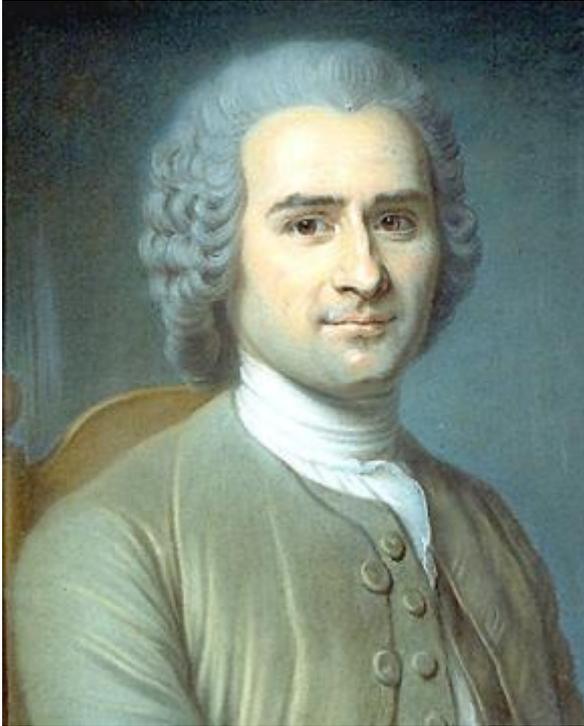


Texto inebriante, sedutor, “galante” como dizia Barthes, mas que é igualmente susceptível de ser lido como filosófico! Por Kant, por exemplo, que vê em Rousseau “o Newton do mundo moral” e que, esforçadamente, procura descobrir “por detrás do mágico Rousseau, o filósofo Rousseau”. Digamos que Rousseau é demasiado bom escritor para ser apenas filósofo e é demasiado bom filósofo para ser apenas escritor. A beleza fascinante dos seus escritos perturba o acesso à claridade ideal dos seus conceitos mas, por outro lado, a profundidade dos seus pensamentos e o rigor dos seu sistema, inviabilizam uma leitura meramente literária da sua obra. Como nota Maurice Blanchot é isto que torna Rousseau suspeito quer ao filósofo quer ao escritor: “o ter querido, sem prudência, ser um pelo outro” .

No entanto, é aqui, a nosso ver, que se situa a chave do entendimento da unidade possível da sua obra, o núcleo que organiza e permite reconduzir a dispersão aparente dos seus escritos a uma singular estrutura de forma e conceitos. Na verdade, subjacente à multiplicidade dos seus escritos há, sob o ponto de vista formal, uma unidade profunda, resultante da ardente paixão de escritor que, em todos eles, corre velada. E, sob o ponto de vista conceptual, como o próprio Rousseau explicitamente reconhece, há uma **intuição fundadora** que dá unidade e coerência a toda a sua obra:

*“ eu ia ver Diderot, então prisioneiro em Vincennes; levava no bolso um “Mercur de France” que me pus a folhear ao longo do caminho. De repente, deparo com a questão da Academia de Dijon que deu lugar ao meu primeiro escrito (...). Se alguma vez alguma coisa se assemelhou a uma inspiração súbita, foi o movimento que se deu em mim aquando dessa leitura (...) Oh! Meu Deus, se eu tivesse podido escrever a quarta parte de tudo o que então vi e senti (...) com que clareza teria revelado as contradições do sistema social, com que força teria exposto todos os abusos das nossas instituições, com que simplicidade teria demonstrado que o homem é naturalmente bom e que é por causa das instituições que se tornam maus (...). Tudo o que pude reter dessa multidão de grandes verdades, encontra-se disperso nos meus escritos” .*

É afinal no **filósofo Rousseau** que Rousseau nunca quis ser que se encontra a trama



sistemática de um pensamento que, de tão criador fica aquém daquilo que pensa, de tão original, se desdobra, dispersa e derrama em polissémicas direcções, como que procurando esgotar-se e incansavelmente pensar-se até ao fim.

Companheiro de Condillac, amigo exaltado de Diderot, hóspede ingrato de David Hume, inspirador reconhecido de um movimento filosófico que teve em Kant o seu grande pensador e no romantismo alemão a sua máxima fulguração, Rousseau nunca se quis assumir como filósofo ainda que estivesse de facto na posse de um sistema notavelmente criador.

Sistema que, como vimos, decorre de uma intuição fundadora e consiste no desenvolvimento do princípio de que “ *a natureza fez o homem feliz e bom mas a sociedade deprava-o e torna-o miserável*” .

Sistema que adopta uma particular perspectiva metodológica fazendo-nos recuar até um local de análise, simultaneamente anterior, exterior e interior, meramente hipotético e mesmo impossível, de qualquer modo, local de referência paradigmático a partir do qual se torna possível pensar.

Sistema que se traduz numa coerente concepção do mundo mediante a qual Rousseau denuncia a negatividade das ciências e das artes (Primeiro Discurso), a corrupção da vida social (Segundo Discurso), a ilegitimidade das relações políticas vigentes (Contrato Social), a perversão educativa (Emílio).

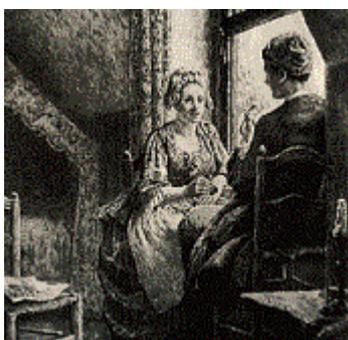


Filósofo “ *malgré tout*” , há ainda um outro Rousseau de que gostaria de vos falar: um **Rousseau feminino!** Não se trata de proclamar que Rousseau não era afinal um homem mas uma mulher escondida sob um vestuário e pseudónimo masculinos, de anunciar a descoberta sensacional de uma personagem hermafrodita ou de revelar uma nova Georg Sand. Trata-se de interpretar **diversos sinais** que pontuam a obra e a vida de Rousseau, de julgar perceber a razão que os funde e a raiz que os alimenta.

Um **primeiro sinal** reside no facto de as mulheres terem tido um papel muito importante na vida de Rousseau. Em primeiro lugar, a mãe que morre quando o dá a luz, facto do qual Rousseau sempre se sentiu de algum modo responsável: “ *custei a vida à minha mãe e o meu nascimento foi a primeira das minhas infelicidades*” . De futuro, tratar-se-á sempre, para Rousseau, de procurar substitutos para a mãe perdida.

É assim que surge M. Warens a quem, significativamente, chamará “Maman”: “ela foi para mim a mais carinhosa das mães; jamais procurou seu prazer mas sempre o meu bem”. Ao lado de Mme. Warens, Rousseau vai viver a experiência de uma felicidade serena, próxima da plenitude fusional que caracteriza a relação mãe-filho.

Para sempre ficará a memória. A última página da sua última obra (inacabada) será ainda Mme. Warens: “hoje, dia de páscoa florida, faz precisamente 50 anos do meu primeiro encontro com Mme. Warens. Ela tinha então 28 anos, uma vez que nascera com o século. Eu não tinha senão 17 (...)”.



Há depois Thérèse Levasseur: “precisava de dar uma sucessora a Maman: uma vez que não viveria mais com ela, precisava de alguém que vivesse com o seu filho”. Em paralelo com Thérèse Levasseur, de quem teve cinco filhos, com quem viveu até o fim da vida e com quem acabou por casar pouco tempo antes de morrer, houve outras mulheres importantes na vida de Rousseau.

Mulheres que o protegeram como Mme. D’Épinay, Mme. de Geofrin, a Condessa D’Egmont.

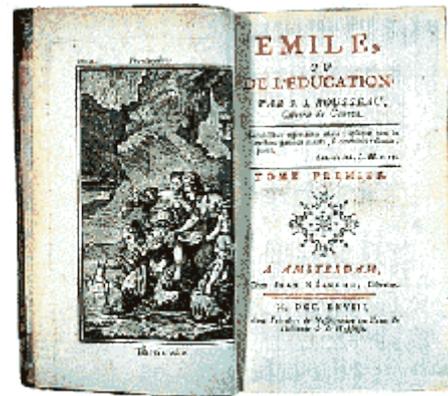
Mulheres que secretamente o amaram ou que ele secretamente amou como o Condessa de Houdetot ou Mme. de Luxemburg.

O universo relacional de Rousseau está sempre marcado por figuras femininas, levemente enigmáticas, mas tutelares e omnipresentes. De tal modo que seria possível fazer a história da sua vida a partir das mulheres com quem se vai relacionando.





**Outro sinal**, encontro-o no facto de Rousseau ter escrito uma obra como Émile ou De l'Éducation, dedicada à infância e aos cuidados para com as crianças que sempre constituíram um domínio privilegiado de actividade das mulheres: “*é a ti que me dirijo, mãe terna e previdente, que soubeste afastar dos caminhos públicos arbusto nascente (...). Cultiva e rega a jovem planta antes que ela pereça, protege-a do choque das opiniões humanas*”.



**Um outro sinal** estaria no facto de Rousseau ter escrito belíssimas páginas em nome de uma mulher. Julie ou La nouvelle Héloïse: Lettres de deux Amants habitants d'une Petite Ville au Pied des Alpes é de facto um romance em forma de cartas, um romance inteiramente feito de cartas entre dois personagens (*Julie* e *St. Preux*) e onde, portanto, Rousseau escreve como se fosse *Julie*. Trata-se de uma obra que obteve imenso sucesso (centenas de edições) especialmente entre o público feminino. Centenas de leitoras escreveram a Rousseau identificando-se com a sua *Julie* e declarando o seu amor ao autor de uma tal correspondência.

**Outro sinal ainda**, poderia decorrer de Rousseau ter acalentado e projectado escrever uma História do que poderia ter sido “*se as mulheres tivessem tido tanta participação como os homens na manipulação dos negócios e no governos dos impérios*”. O projecto parte da consideração de que “*as mulheres teriam podido dar grandes exemplos de grandeza de alma e de amor de virtude (...)* se a injustiça dos homens lhes não tivesse roubado, juntamente com a sua liberdade, todas as ocasiões de se manifestarem aos olhos do mundo”. Não cabe aqui discutir o valor improvável destas afirmações de Rousseau mas apenas sublinhar a singularidade de uma tal doutrina, tão fora dos quadros conceptuais da sua época.

Dir-me-ão que é possível encontrar, na obra de Rousseau, passagens e afirmações explícitas que contrariam frontalmente a tese que aqui estamos a defender. É inteiramente justa tal observação. Especialmente no livro V de Émile, mas também na obra inacabada Sophie et Emile ou les Solitaires (1762), quando traça o retrato de Sophie, a companheira ideal para o idealizado Emílio, Rousseau é inteiramente conservador, limitando-se a repetir, ainda que com subtis modulações, os estereótipos

tradicionais da imagem da mulher. “ *A mulher é feita especialmente para agradar ao homem. Se o homem deve por sua vez agradar-lhe, essa é uma necessidade menos directa. O seu mérito está no seu poder. Agrada por ser forte. Convenho que não é esta a lei do amor, mas é a da natureza, anterior ao próprio amor*” .

Mas a feminilidade de Rousseau, tal como eu a entendo, não corresponde a uma dimensão explícita da sua obra mas uma intenção latente da sua alma. Porventura, apenas a um desejo meu (e assumido) de leitora infiel. Quer-me no entanto parecer que os vários aspectos que referi, se não chegam para garantir a legitimidade da leitura que procuro construir, são pelo menos marcas de uma instância conceptual da maior importância, dotada, além do mais, de grande coerência sistemática – **o conceito de alteridade**.

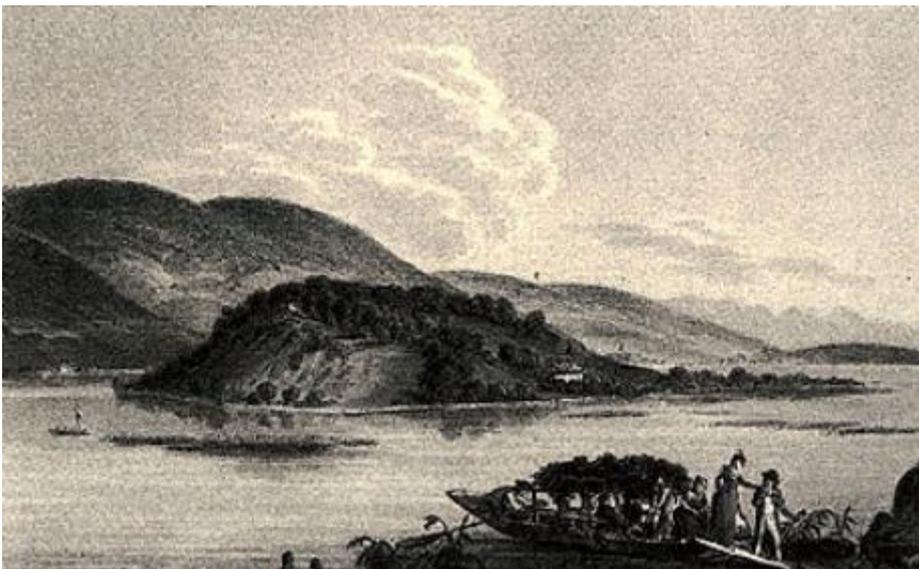
Vimos atrás como o princípio fundador do sistema filosófico de Rousseau: “ *A natureza fez o homem feliz e bom mas a sociedade deprava-o e torna-o miserável*” , implica, na sua concepção como no seu desenvolvimento, a adopção de uma perspectiva metodológica de análise suficientemente recuada para permitir descobrir o outro do homem civilizado de hoje – o homem natural do começo – e para compreender e denunciar a decadência que se verificou na passagem de um estado a outro. Digamos que Rousseau, colocando-se na perspectiva do homem natural que inventou, isto é, pensando a partir da hipostasiada exterioridade de um espaço pré-social e pré-cultural, o que afinal reivindica é a exigência de reconhecimento da diferença, o que afinal descobre é o caminho para pensar a alteridade: conceito que funciona na sua obra como o paradigma que secretamente o conduz. É aqui que radica a já referida paternidade de Rousseau em relação à moderna antropologia e etnologia. Quando, por exemplo Lévy-Strauss, dois séculos mais tarde, diz que é necessário “ *procurar a sociedade da natureza para aí meditar sobre a natureza da sociedade*” é ainda (e reconhecidamente) o eco dessa atitude inventada por Rousseau que se faz ouvir.

**Conceito** paradigmático de que Rousseau retira imediatas consequências éticas ao nível da **atitude**, a alteridade é ainda em Rousseau um **sentimento** ou, ao invés, por ser um sentimento é que é transmutada em atitude e em conceito. De qualquer modo, sentimento que corresponde a um dos traços mais característicos da personalidade e da vida de Rousseau: “ *Não sou feito como nenhum dos que tenho visto; ousa crer não ser feito como nenhum dos que existem. Se não valho mais, pelo menos sou diferente (je suis autre)*” . Marginal e marginalizado, Rousseau teve a audácia e o orgulho de se sentir e afirmar diferente, assumindo essa diferença não só ao nível do “ sistema” como também ao nível da escrita e da vida. As **Confessions** são a exposição radical e veemente dessa diferença. Mas todo o espaço significativo da sua escrita se encontra igualmente por ela inundado. Quanto à sua existência, sabemos como a fez rodear e envolver por uma série de sinais indicativos da sua tão reclamada diferença: a recusa da vida social e urbana: “ *levanto-me à hora a que se deitam em Paris, deito-me antes que lá se jante, o meu dia termina antes do que lá começa (...) sufoco num quarto, numa sela, numa casa, numa rua, na praça Vendôme; o pavimento, o cinzento das paredes e dos tectos provocam-me pesadelos*” .

Abandono do vestuário em uso entre os seus contemporâneos a partir de 1762, data em que Rousseau adopta os trajes armênios. Recusa progressiva de todas as nacionalidades: “*francês entre os suíços, suíço entre os franceses*”, simples “*citoyen de Genève*”, como gostava de assinar as suas obras, finalmente apenas “*citoyen*”, como acabou por querer ser tratado. Retirada para junto da Natureza. Escolha da solidão, estratégia que, finalmente, lhe permite constituir-se como aquele que, além de denunciar o sistema, se lhe opõe radicalmente.



Por isso - ou talvez para isso - é que teve de inventar um continente de que era o único habitante e o último sobrevivente: o estado natural. Espécie de ilha, à moda de Robinson Crusoe. Local de resistência, defendido e protegido, onde fosse possível adiar a corrupção e evitar o contágio. Espaço de análise e de vida, irrecuperável, definitivamente perdido, mas que serve para, a partir dele, Rousseau reivindicar o direito à sua diferença e justificar a sua nostalgia congénita.



A sua diferença é, de facto, completa: à racionalidade opõe o sentimento; à adulez a infância; aos valores da cultura, a natureza; à cidade, a floresta; ao homem civilizado, o homem primitivo. E como é que essa diferença podia ser levada até às suas últimas consequências? Qual a fronteira limite que Rousseau deveria ainda transpor para alcançar um completo descentramento? Não deveria Rousseau, por exigência sistemática, procurar adoptar o ponto de vista da mulher, dessa Julie em nome de quem havia escrito cartas de amor, dessa mulher cuja história chegou a projectar escrever, dessa mãe arquetípica que morreu para lhe dar a vida e cuja sombra, e cujo eco, incansavelmente procurou noutras mulheres?

Reencontramos assim, por um diverso caminho, a **hipótese de leitura** que vos proponho. Se, de início, essa hipótese pretendia construir-se a partir da interpretações de

*sinais* (mais ou menos episódicos) relativos à vida e à obra de Rousseau, se procurava, por detrás desses sinais, uma razão ou raiz fundante de que eles pudessem ser símbolos, isto é, se *indutivamente* estabelecia uma série original de que os referidos sinais seriam sintomas, agora, essa leitura encontra, *dedutivamente*, um novo fundamento e justificação pois que a feminilidade aparece como exigência sistemática e consequência lógica de algo que constituiu, no nosso autor, um sentimento profundo, uma atitude ética e um conceito paradigmático: a alteridade.

Porque soube colocar-se na perspectiva da infância, Rousseau pôde escrever uma obra como o Émile e definir-se a si próprio como “*uma criança envelhecida*”. Porque adoptou o ponto de vista do homem natural, Rousseau pôde construir o Discours sur l’ Origine et les Fondements de l’ Inégalité parmi les Hommes e afirmar-se como o herdeiro de uma verdade por todos esquecida. Mas, porque, embora tendo tentado, não conseguiu assumir até ao fim a perspectiva da mulher, não chegou a realizar o projecto de escrever uma história vista do ponto de vista da mulher e foi só numa obra de ficção como a *Nouvelle Héloïse* que tomou a palavra em nome de *Julie*.

É certo que, por dois breves momentos, Rousseau parece reconhecer em si próprio a sua própria feminilidade: quando, em Les Confessions, escreve: “*assim começava a formar-se ou a mostrar-se em mim este coração tão digno e tão terno, este carácter efeminado*”, e quando, noutra passagem da mesma obra, se define como “*uma espécie de mulher escondida sob os hábitos de um homem*”.

Mas poderia de facto fazê-lo? Seria exigível que adoptasse a perspectiva da mulher, tal como soube adoptar a da criança e a do selvagem? Se Rousseau procurasse assumir inteiramente a perspectiva da mulher, não estaria afinal a impedir-se de a reconhecer diferente? A criança e o homem natural são ainda categorias recuperáveis. Esquecidas, abafadas sob o peso da adultez e da história social, é possível reencontrá-las por um esforço de memória e reflexão. É que, da criança ao adulto, do selvagem ao civilizado, há, apesar de tudo, uma transição que, não sendo legítima nem inevitável, não constituindo um progresso mas uma decadência lamentavelmente tecida no desenrolar do tempo, é, no entanto, uma transição contínua. Pelo contrário, entre o homem e a mulher, existe uma radical descontinuidade, abre-se o espaço de uma diferença intransponível. Um abismo metafísico e não apenas uma distância temporal e histórica.

Rousseau teve talvez essa intuição. Compreendeu que, porventura, a fidelidade ao seu próprio pensamento da alteridade o impedia de pensar esse pensamento até ao fim. Digamos que a sua atracção pela alteridade o lançava para essa aventura, mas a sua fina inteligência travava esse movimento. Mas, digamos também que, se o que caracteriza um pensamento criador é o facto de ficar aquém daquilo que pensa, então, Rousseau é o mais criador dos pensadores, aquele que colocando-se como tarefa pensar o outro radical – a mulher – necessariamente se encontrou sempre aquém daquilo mesmo que quis pensar.



## Textos online de Rousseau e outros sites

 <http://un2sg4.unige.ch/athena/rousseau/rousseau.html> - J. J. Rousseau, *Oeuvres et Documents*, ATHENA

-  <http://newark.rutgers.edu/~jlynch/18th/r.html> - Eighteenth-Century E-Texts, Jack Lynch
-  <http://gallica.bnf.fr/> - Gallica, Bibliothèque National de France
-  <http://rousseau.unige.ch/bibliographie.htm> - Bibliographie de Rousseau (Raymond Trousson)
-  <http://c18.net/biblio/rousseau.html> - Selected Bibliography Jean Jacques Rousseau (Philippe Stewart)
-  <http://rousseastudies.free.fr/> - Rousseau Studies (Targuy L' Aminot e Alix Cohen)
-  <http://www.wabash.edu/Rousseau/> - Rousseau Association (EUA)
-  <http://www.osk.3web.ne.jp/~nityshr/> - Jean Jacques Rousseau et la Musique, (Yoshihiro Naito)
-  <http://rousseau.unige.ch/> - J. J. Rousseau, Vie, Écrits, Relations, Lieux, Bibliographie, CDrom
-  <http://www.unige.ch/cite-uni/rousseau/> - La Vie et l' Oeuvre de J. J. Rousseau en Cartes Postales, J. J. Monney